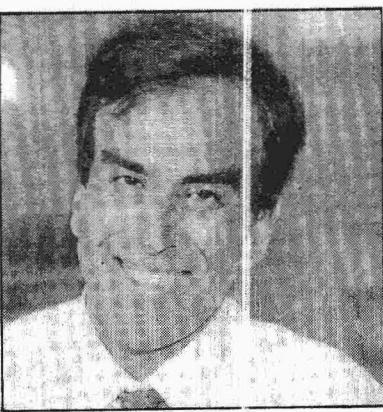


Neste segundo semestre, deve acontecer um pequeno aumento na oferta de emprego, mas isso em apenas alguns setores e nas faixas salariais mais baixas, até Cr\$ 50 mil.

As novas contratações deverão ocorrer nas indústrias exportadoras — como as de papel e celulose, mineração, suco de laranja — e também naquelas que tiveram sua produção represada no primeiro semestre — como as montadoras de veículos e suas fornecedoras, entre elas a indústria de fundição e fabricantes de autopartes.

As empresas da área de alimentos também devem fazer contratações, mas apenas aquelas envolvidas na produção de alimentos de consumo popular. A manutenção do baixo poder aquisitivo da população deve inibir o consumo e a consequente produção de produtos alimentícios diferenciados e mais sofisticados.

O número de empregos na



Julio Lobo
Consultor de Relações Trabalhistas

O primeiro semestre deste ano foi mesmo de alguns recordes negativos. Por exemplo, o Produto Interno Bruto, medido pelo IBGE, apresentou a maior queda (6,87%) num período de doze meses, desde a década de 40, quando

começou a ser medido: o nível de emprego caiu 11,2% em São Paulo; e todo o mundo sentiu o sufoco na pele, no salário baixo, no dinheiro curto e, sobretudo, na falta de perspectivas.

O segundo semestre

começa com um pouco mais de esperança porque dá para contar com o retorno gradativo dos cruzados novos e, até mesmo um pouco por conta disso, os empresários e quem está aí no mundo dos negócios está sentindo uma certa melhora na economia.

Mas, não dá para negar, ninguém sente firmeza na recuperação definitiva da economia. O déficit público continua aí, teimosamente produzindo inflação, e isso preocupa porque ninguém tem segurança a respeito de quanto o dinheiro do mês vai

ser capaz de pagar e se isso vai provocar ou não mais calotes, mais confissões, mais imposto a pagar para o governo.

Nestas duas páginas, você encontra a opinião de especialistas a respeito de como vai ficar sua vida nesta

segunda metade do ano em cada uma das suas principais preocupações: salário, emprego, aplicações financeiras, investimentos em imóveis, carro, negócios e por aí afora. E, na página 2, você também tem um comentário a respeito do assunto.

Para o mercado de locação de imóveis residenciais, a expectativa é de volta gradativa à normalidade, no segundo semestre deste ano. A aprovação da nova lei do inquilinato na Câmara dos Deputados já é uma sinalização de que vai haver mudanças na legislação. E com regras definitivas para reger os contratos de locação, principalmente a possibilidade de o proprietário reaver seu imóvel ao término do prazo contratual, a oferta de imóveis para locação deve aumentar e, consequentemente, os preços dos aluguel iniciais tenderão a cair.

No momento, o setor vem enfrentando uma situação bastante difícil, provocada pela escassez de imóveis para alugar e preços superdimensionados. De um lado, estão os proprietários, que muitas vezes preferem alugar um imóvel, por não poderem arcar com os preços dos aluguel dos imóveis ofertados.



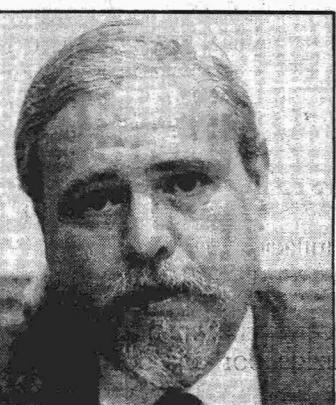
Roberto Capuano

Presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis SP (Creci)

gá-lo dentro das regras atuais

(impossibilidade de reaver o seu imóvel no término do contrato e reajustes dos aluguel defasados em relação à inflação); do outro, os inquilinos em potencial, que não conseguem alugar um imóvel, por não poderem arcar com os preços dos aluguel dos imóveis ofertados.

IMÓVEIS

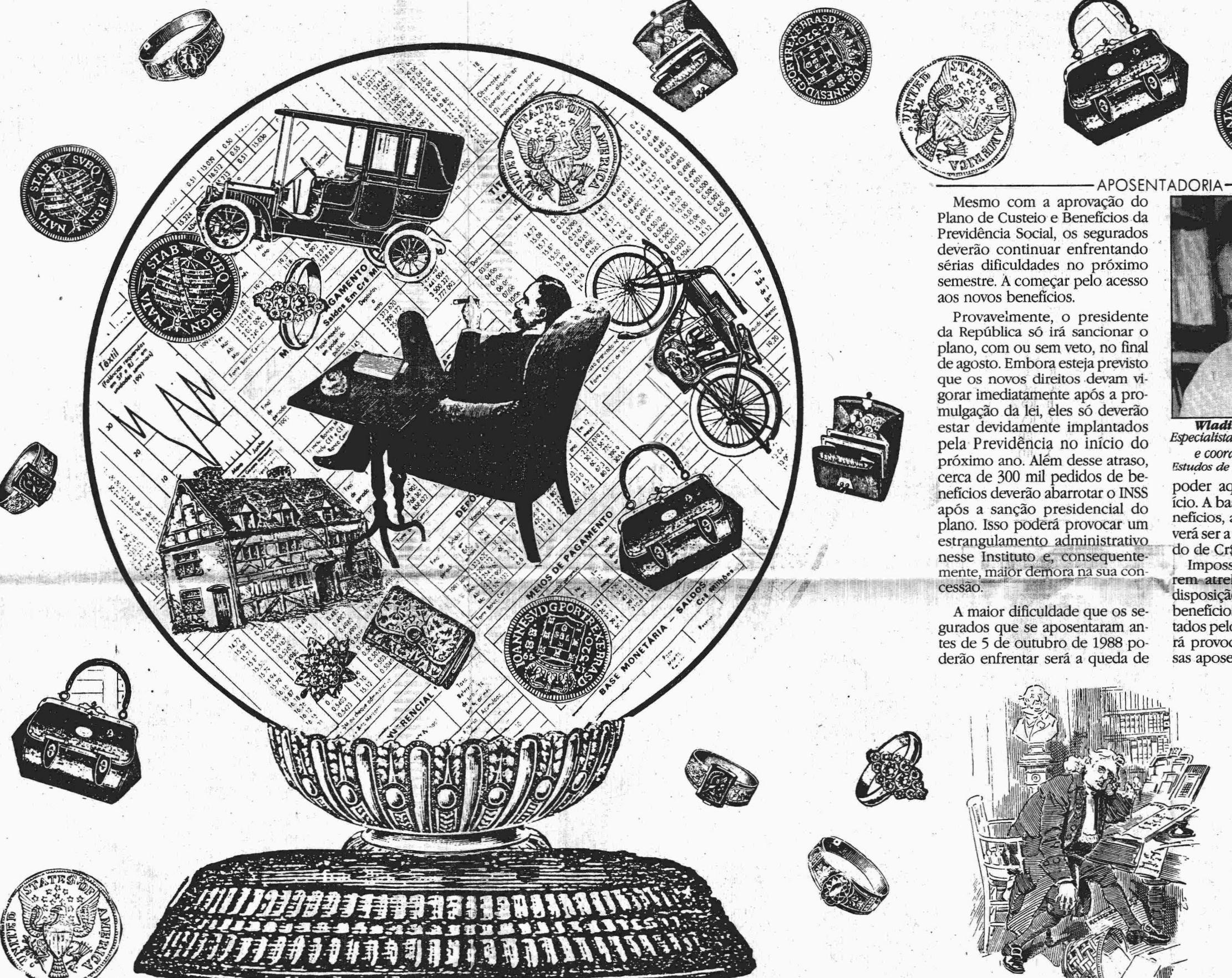


Luis Antônio Pompéia

Presidente da Empresa

Brasileira de Estudos do Patrimônio

Os preços dos imóveis em 1991 estão abaixo dos níveis praticados nos dois últimos anos. Assim, o dinheiro confiscado em março de 1990 poderá comprar mais metros quadrados a mais por ocasião do seu desbloqueio.



OURO

O período de tranquilidade macroeconômica, que tem mantido os preços do ouro bem comportados, pode acabar em setembro, com a liberação da primeira parcela de cruzados novos. Mas antes de avaliar o que vai acontecer com os preços de ouro e dólar, é preciso saber o que o governo vai fazer para manter esse dinheiro ancorado em aplicações financeiras.

É provável que, até lá, sejam adotadas uma série de incentivos para capturar os cruzados libertados. Mas não será com estímulos calculados numa rentabilidade mais elevada, por exemplo, que

MERCADO FINANCEIRO

se evitará uma fuga dos recursos para os ativos de risco. Para isso é necessário neutralizar a desconfiança nas aplicações financeiras. Uma das formas, seria a única, de restaurar a credibilidade seria o anúncio oficial, pelo governo, de que não vai haver mais nenhum congelamento e também bloqueios de poupança. E, como um compromisso formal desses parece descartado, parcela de cruzados libertados devem tomar o rumo do mercado de ouro. Ainda que isso possa acontecer, não se poderá apostar aí é maquiado.

O primeiro deles foi a troca de comando no Ministério da Economia e posterior aprovação de regras que abrem a porta das bolsas de valores aos investidores institucionais (fundos de pensão e fundações) estrangeiros.

O segundo evento favorável ao mercado de ações, marcado para o mês de setembro, é a liberação da primeira parcela dos cruzados novos. A volta desse dinheiro pode causar algum impacto sobre a inflação, mas pode significar também recursos adicionais aos mercados de ações.

DÓLAR

As cotações no câmbio negro devem seguir a tendência atual. Mas podem avançar com maior fôlego, dependendo do quadro macroeconômico desse segundo semestre.

Três fatores básicos devem definir esse cenário e levar, eventualmente, a uma alta mais forte de inflação. E, por tabela, requerer o black. O primeiro é a questão salarial, com a recomposição dos salários de categorias mais fortes que têm dissido entre setembro e novembro; o segundo, a questão fiscal, em setores como papel e celulose, calçados, produtos siderúrgicos, autopartes, café, alumínio, minérios.

BOLSA

A luz de dois acontecimentos, um consumado e outro previsto para setembro, é possível avaliar com moderado otimismo o comportamento do mercado de ações para a meta de final do ano.

O primeiro deles foi a troca de comando no Ministério da Economia e posterior aprovação de regras que abrem a porta das bolsas de valores aos investidores institucionais (fundos de pensão e fundações) estrangeiros.

A mudança na equipe econômica recuperou o crédito à renegociação da dívida externa e

criou, por tabela, uma expectativa favorável à retomada de crescimento da economia interna para o segundo semestre e, principalmente, para o próximo ano. E parece razoável esperar que as bolsas venham a antecipar e reagir a essa perspectiva de recuperação econômica ao longo dos próximos meses.

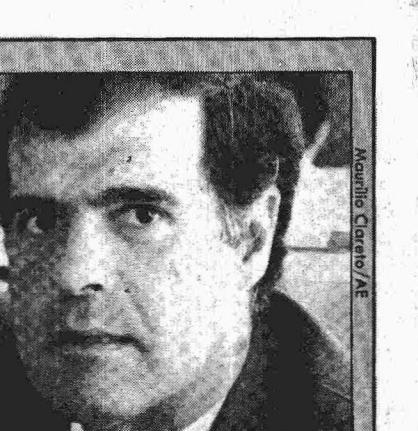
O segundo evento favorável ao mercado de ações, marcado para o mês de setembro, é a liberação da primeira parcela dos cruzados novos. A volta desse dinheiro pode causar algum impacto sobre a inflação, mas pode significar também recursos adicionais aos mercados de ações.

RENDAS FIXAS

As taxas de juro tendem a permanecer em torno dos atuais níveis pelo menos até agosto. Em setembro, vai haver um forte aumento da base monetária (emissão de cruzados) para a devolução de cruzados.

Paralelamente ao aumento da base monetária, os títulos bancários e os títulos comuns devem permanecer com a inflação corrente, embora com uma queda dependente de que se confirmarem as expectativas de que a inflação não terá muito fôlego nos próximos meses, ficando estacionada na faixa entre 9 e 10% a.m. nesse período.

Nessa hipótese, a queda dos juros nesse mercado poderia ser mais significativa. Mas isso só vai acontecer se o governo ampliar os limites de crédito que as financeiras e os bancos estão sendo obrigados a observar nas suas linhas de crédito pessoal e direto



Vitor Parabos
Diretor de Mercado de Capitais e de Finanças Corporativas do Banco Nacional

uma política fiscal e monetária assertiva, a rentabilidade do CDB permanece permanecer compatível com a inflação corrente, embora com margem real mais estreita.

O corte nos juros reais vai atingir também os títulos bancários pós-fixados comodados pela taxa referencial (TR). Para quem está formando poupança de longo prazo, esses papéis poderiam ser substituídos pelos títulos indexados IGP-M. Essas aplicações pós-fixadas, por princípio superior a um ano, devem render o IGP-M mais juros de 18 a 20% a.m. a partir de setembro.

Nessa hipótese, a queda dos juros nesse mercado poderia ser mais significativa. Mas isso só vai acontecer se o governo ampliar os limites de crédito que as financeiras e os bancos estão sendo obrigados a observar nas suas linhas de crédito pessoal e direto

de crédito, o que por si só exerce uma pressão de alta sobre os juros suficiente para inibir a atuação daquela pressão de baixa vindoa da inflação menor.

Já há alguns meses, por conta dessa falta de dinheiro no mercado de crédito, algumas lojas adotaram a estratégia de financeirar com recursos próprios as compras a prazo de seus consumidores.

Isso constitui uma outra pressão de alta sobre os juros, na medida em que, para compensar a incidência maior do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias, a empresa pratica juros mais elevados.

Neste segundo semestre, é bastante provável que as taxas de juros no mercado de crédito ao consumidor, atualmente em torno de 22% a.m., recuem um ou dois pontos percentuais. Mas essa queda depende de que se confirmarem as expectativas de que a inflação não terá muito fôlego nos próximos meses, ficando estacionada na faixa entre 9 e 10% a.m. nesse período.

Nessa hipótese, a queda dos juros nesse mercado poderia ser mais significativa. Mas isso só vai acontecer se o governo ampliar os limites de crédito que as financeiras e os bancos estão sendo obrigados a observar nas suas linhas de crédito pessoal e direto

CRÉDITO

de crédito, o que por si só exerce uma pressão de alta sobre os juros suficiente para inibir a atuação daquela pressão de baixa vindoa da inflação menor.

Já há alguns meses, por conta dessa falta de dinheiro no mercado de crédito, algumas lojas adotaram a estratégia de financeirar com recursos próprios as compras a prazo de seus consumidores.

Isso constitui uma outra pressão de alta sobre os juros, na medida em que, para compensar a incidência maior do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias, a empresa pratica juros mais elevados.

EXPORTAÇÃO

As exportações brasileiras poderão aumentar, neste segundo semestre, algo entre um e dois bilhões de dólares em relação ao primeiro. Essa é uma tendência histórica, que se repete todos os anos. Assim, se na primeira metade do ano elas somaram cerca de US\$ 17 bilhões, no segundo deve totalizar entre US\$ 18 bilhões e US\$ 19 bilhões, para chegar aos US\$ 35 bilhões a US\$ 36 bilhões previstos para o ano.

Neste ano, essa tendência histórica deve ser reforçada pela necessidade do governo de praticar uma política cambial mais realista, por causa dos acertos da dívida externa. Com o câmbio mais realista, as empresas se animam a produzir para vender lá fora para o

IMPORTAÇÃO

O reajuste dos preços do carro zero-quilômetro deverá ser submetido às câmaras setoriais por mais alguns meses. Com isso, não é prevista nenhuma desparada de preços e o mercado tende a se acalmar gradativamente. E, se essa expectativa não for frustrada por alguma paralisação ou queda na produção da indústria automobilística, poderá até aparecer pela frente uma boa oferta de veículos, acima da demanda. Consequentemente, o ágio, que permanece sendo praticado nos modelos populares, estaria com seus dias contados.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção, ao mesmo tempo em que deverão estar chegando às revendedoras a linha 92, prevista para agosto, poderão voltar as promoções: supervalorização do usado na troca pelo novo, descontos e facilidades no pagamento. E nem mesmo a liberação dos cruzados novos, a partir de setembro, que potencialmente aquecerá as vendas, deverá in-

teresseante.

Se de fato houver um crescimento da produção